

“MAS ELE É DE SÂNSCRITO!” NOTIÚNCULA-CONTRIBUTO À MEMÓRIA DA SBEC

*“BUT HE’S FROM SANSKRIT!” SHORT NEWS-CONTRIBUTE
TO THE MEMORY OF SBEC*

João Batista Toledo Prado*

* Professor de
língua e literatura
latina, Faculdade de
Ciências e Letras,
Universidade
Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita
Filho”.

Recebido em: 29/10/2019

Aprovado em: 18/11/2019

jbtprado@gmail.com



“O dia já vem raiando, meu bem”, como diz a velha canção de Wilson Simonal: era o que se poderia dizer também quando chegamos a Belo Horizonte (MG). Foram muitas horas de viagem noturna em ônibus “de carreira”, desde Ribeirão Preto (SP), onde fizemos baldeação, porque nossa minicaravana de classicistas da UNESP havia começado a viagem em Araraquara (SP). O ano era 1987, e acabávamos de chegar para a segunda reunião acadêmica da recém-criada Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), rebatizada como III Congresso da SBEC (II R-SBEC).

O grupo não era muito grande: eu mesmo, Fernando Brandão dos Santos, Edvanda Bonavina da Rosa, o “casal clássico” Maria Celeste C. Dezotti e José Dejalma Dezotti, Márcio Gimenez, Cláudia Manoel Rached (estes dois ainda graduandos cursando grego na FCL-UNESP), e provavelmente outros mais que a memória não conseguiu recuperar enquanto escrevo. Embora não tenha certeza, parece-me que Alceu Dias Lima, meu mentor e iniciador nas latinas lides, também compareceu a esse segundo evento, já que ele sempre frequentou as reuniões da SBEC desde sua fundação. À época, a cadeira de latim da UNESP de Araraquara era formada por Alceu D. Lima, Maria Evangelina V. N. Soeiro (ambos foram meus professores) e José Dejalma Dezotti. Evangelina estava para aposentar-se dentro em pouco; em sua vaga entraria Haroldo Bruno; eu estava prestes a iniciar a carreira, juntando-me como absoluto novato a esse time de peso – uma supina responsabilidade, que eu nem sabia ainda avaliar! – a fim de ajudar a “reforçar os quadros” do latim.



Para alguém que nunca tinha tido muita ocasião de viagens, essa foi uma aventura e tanto: viajar por toda a noite e chegar ao raiar do dia em BH; ir tomar café numa “padoca” de rodoviária e assistir estupefato a dois jovens baterem a mão no balcão para pedir “mais uma cerveja” às 06:30 da manhã! “Ah, esses jovens”! Só que eu era um deles (mas tomava média com pão na chapa àquela hora do dia): aprovado há pouco em concurso de ingresso na carreira docente na UNESP, ainda nem havia assumido o cargo, o que viria a dar-se somente um par de meses depois, em 26 de outubro de 1987. Eu cursava, então, o mestrado na FFLCH – na época ainda existiam concursos de ingresso à carreira docente na categoria MS-1, ou “Auxiliar de Ensino”, que foi como praticamente todos os classicistas da UNESP de Araraquara começaram – mas como estava prestes a assumir o cargo do concurso para o qual eu havia sido aprovado, sabia que a vida estava prestes a mudar, de forma a incluir esse tipo de atividade, que eu havia experimentado apenas algumas vezes antes, enquanto ainda cursava graduação e tinha uma ou outra oportunidade de frequentar algum evento acadêmico, em geral na área de Linguística, como o GEL, pois ainda não existiam muitas reuniões específicas das Letras Clássicas. Como se sabe, a criação da SBEC alterou radicalmente essa realidade: de lá para cá, os eventos multiplicaram-se exponencialmente, de tal forma que quase já não se consegue ficar a par de todos eles. Abarcando várias áreas que se integram em domínio conexo, a SBEC tem promovido, desde então, um mais que saudável contato entre profissionais de vários ramos dos Estudos Clássicos, propiciando o conhecimento das pesquisas e interesses dos colegas de várias áreas e subáreas de investigação da Antiguidade, que, assim, passaram a interagir e colaborar de muitas formas diferentes. Ainda que bem em seu início, a Reunião da SBEC ocorrida no Centro João Pinheiro de Belo Horizonte já produziu um fruto desses, que, sem sabermos à época, estaria destinado a perdurar pelas décadas vindouras. Refiro-me ao “Grupo *Giz-en-Scène* de Leituras Dramatizadas de Textos Clássicos”, como se verá a seguir.

Logo em seguida à rodoviária, dirigimo-nos ao local do evento, o Centro João Pinheiro de BH. Mal havíamos chegado, ocupados ainda que estávamos com malas e com entender o lugar, verificar as salas em que aconteceriam as sessões de comunicação, as plenárias etc., quando Maria Celeste veio até nós acompanhada de um jovem professor que não conhecíamos. Ela nos apresentou Carlos Alberto da Fonseca, um sanscritista da FFCLH-USP – a primeira vez que víamos um sanscritista! Carlos enfrentava uma espécie de dilema ali: ele havia proposto fazer uma comunicação sobre um texto do teatro indiano antigo, uma farsa de Mahendrarman (séc. VII E.C.) intitulada “Jogos de Bebedeira”. Como descobrimos depois, tratava-se de um texto cômico daquele gênero, que, numa chave muito bem-humorada, revelava os comportamentos viciosos e representava os conflitos entre seguidores de diferentes orientações religiosas tradicionais da Índia Antiga, sobretudo um casal de “cabecistas” – monges que recolhiam esmolas em crânios – que viviam o tempo todo bêbados, e um monge budista sempre muito interessado em comer alimentos que lhe eram oferecidos e contornar como pudesse as restrições do voto de pobreza que a vida monástica lhe impusera. O dilema de Carlos era, naturalmente, a falta de conhecimento mais alastrado do objeto sobre o qual ele falaria: discorrer sobre uma peça do teatro sânscrito antigo,

conhecida apenas por quem era “do ramo”, ou seja, somente pelos próprios sanscritistas, era uma situação no mínimo inconveniente!

Carlos havia ficado sabendo que, no ano anterior, a I Semana de Estudos Clássicos (I SEC) tinha acontecido na UNESP de Araraquara. Naquela ocasião, o evento dedicou-se ao estudo do mito de Fedra e Hipólito, e a comissão organizadora promoveu sessões de “leitura pública” dos textos abordados durante o evento. Como Celeste nos explicou, Carlos havia perguntado se não haveria alguns “daqueles jovens professores” dispostos a fazer também uma leitura dos “Jogos de Bebedeira” para o público reunido naquela SBEC. Foi mais ou menos assim que isso se passou: Carlos Alberto policopiou os textos e fizemos uma leitura preliminar para entendê-lo, enquanto ele nos explicava os dados de contexto que motivavam a ação dramática representada naquela farsa. Aos poucos, os papéis foram sendo “assumidos” por cada um: Dejalma e Celeste como o casal de cabecistas bêbados; Fernando Brandão como o monge budista guloso; Márcio Gimenez como o narrador (leitor de rubricas); eu mesmo como o louco delirante que intervém no desenlace da farsa. Entretanto, “encapetados” que éramos, todos jovens e ousados, começamos a ler como se estivéssemos “brincando de atuar”; algo como: “se fôssemos atores, poderíamos falar de tal maneira, fazer tal gesto” etc. Carlos, também jovem, ousado e “encapetado”, gostou muito dessa brincadeira. Todos nós gostamos. A sessão de apresentação dos “Jogos de Bebedeira” fez muito sucesso. Logicamente, não queríamos parar por ali. Após a Reunião da SBEC, viajamos todos juntos no ônibus de volta a Araraquara, Carlos Alberto inclusive! Fazíamos planos para futuras Semanas de Estudos Clássicos e para a continuidade daquela experiência de dar relevo à leitura de um texto antigo, daquela já quase proposta didática de dar a conhecer os textos por eles mesmos, emprestando-lhes nossas vozes, corpos e energia para que ganhassem vida outra vez. Estava criado o grupo que viria dentro em pouco a chamar-se *Giz-en-Scène*, nascido numa das primeiras reuniões da SBEC, em 1987!

Como se vê, entre outras colaborações de pesquisa que aconteceriam depois, também o *Giz-en-Scène* é tributário direto da iniciativa de criação da SBEC e da realização de suas reuniões.

Como o contato progrediu, tornamo-nos todos bons amigos e frequentamo-nos muitíssimo nos anos que se seguiram, a propósito de prepararmos novos textos e novas apresentações do *Giz-en-Scène* e também, é claro, em prol do próprio estreitamento da amizade.

A SBEC granjeou esse contato precioso e, desde aquela ocasião, passei a andar muitas vezes na companhia de Carlos Alberto. Foi então que descobri algo muito interessante. Decerto todos aqueles que se dedicam ao estudo da Antiguidade Clássica Grega e Latina já passaram alguma vez pela situação embaraçosa de ter de revelar seu ramo específico de atividade. Em geral, isso ocorre em locais públicos, em um balcão de loja, por exemplo, quando se preenche um cadastro de consumidor, e a resposta à pergunta “profissão” costuma ser “professor” ou “professor universitário”. Quase invariavelmente, a isso se segue um “professor? De quê?”. O embaraço deriva da resposta, que, no meu caso tem de ser “de latim”, o que digo já olhando para o chão, porque sei que sempre virá aquele esgar de espanto

divertido, algo entre a admiração que se dedica às coisas exóticas e a pura incredulidade, que sugere que tal ocupação já não é mais possível hoje em dia.

Numa ocasião como essa, eu estava acompanhado de Carlos Alberto – já não me lembro o que fazíamos então, mas suspeito de que tínhamos ido a alguma loja para comprar adereços para o *Giz-en-Scène* – e a atendente fez a temida pergunta... ao que, para não faltar com a verdade, respondi. E veio a esperada exclamação incrédulo-divertida... só que, dessa vez, tive uma súbita iluminação e disparei: “Sim, de latim... MAS ELE É DE **SÂNSCRITO!**”, apontando para Carlos. Desde esse dia, descobri que sanscritistas são a melhor e mais “útil” companhia que pode ter um latinista ou um helenista, sobretudo em locais públicos...

Araraquara, 26 de outubro de 2019.

P.S.: Dedico este texto à memória dos colegas e queridos amigos classicistas que já não estão mais entre nós, o que faço aqui pela nomeação dos professores Haroldo Bruno e Cláudia Manoel Rached Féral (nossa Claudinha do *Giz*).